

A EDUCAÇÃO BILÍNGUE

BILINGUAL EDUCATION



EVELYN FERNANDES DOS SANTOS

Graduação em Pedagogia, pela Universidade Nove de julho, em 2010; Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I.

RESUMO

Atualmente, ter competência comunicativa em uma língua estrangeira faz parte da cultura geral abrangente do indivíduo e seu nível de preparação será determinado por ele, não apenas pelo conhecimento que proporciona sobre a cultura de outros povos, mas também porque pode ser utilizado como um instrumento de desenvolvimento próprio para a busca de novos conhecimentos e como meio de comunicação com outros homens. O desenvolvimento alcançado até agora pelas ciências tecnológicas e comunicações torna aprender inglês é cada vez mais necessário, pois esta linguagem domina a mídia internacional, comunicação e monopolizou a maior parte de informações com as tecnologias mais avançadas. São razões estão subjacentes ao crescente interesse, em vários países. Tem sido pensado, com alguns céticos e outros detratores, que uma possível forma de resolver o problemas de aprender inglês seria criar a fundamentos desde a primeira infância; isto é, familiarizar crianças com a língua inglesa.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Infância; Novos Conhecimentos.

ABSTRACT

Nowadays, having communicative competence in a foreign language is part of an individual's comprehensive general culture and their level of preparation will be determined by it, not only because of the knowledge it provides about the culture of other peoples, but also because it can be used as an instrument of one's own development in the search for new knowledge and as a means of communicating with other people. The development achieved so far in science, technology and communications makes learning English increasingly necessary, as this language dominates international media, communication and has monopolized most information with the most advanced technologies. These are the reasons behind the growing interest in various countries. It has been thought, with some skeptics and other detractors, that a possible way to solve the problem of learning English would be to create the foundation from early childhood; that is, to familiarize children with the English language.

KEYWORDS: Culture; Childhood; New Knowledge.

INTRODUÇÃO

Estudos recentes mostram que o ensino bilíngue vem sendo abordado cada vez mais na educação infantil e nas séries iniciais, principalmente o ensino focado na língua inglesa. Partindo desse pressuposto este estudo busca desenvolver e analisar algumas questões específicas sobre o tema.

Toma-se aqui como foco a importância do aprendizado de uma segunda língua ainda na primeira infância, embora este ensino ainda não possua um caráter obrigatório na Educação Infantil.

É de extrema importância oportunizar o contato com uma segunda língua para crianças da Educação Infantil e das séries iniciais, pois o ser humano é totalmente capaz de crescer aprendendo duas línguas, sem sobrecarga intelectual.

Para entendermos educação bilíngue é necessário considerarmos os aspectos históricos, culturais, sociais, políticos, entre outros. Diante disso, é possível compreendermos a existência de escolas bilíngues com propostas e objetivos diferentes, pois é uma pluralidade de fatores que as definem.

Atualmente o aumento do número escolas que oferecem o ensino do inglês e as escolas que oferecem este aprendizado na forma de disciplina extracurricular.

Sobre o ensino bilíngue, Silva (2009) sublinha que se trata de oferecer um ambiente de ensino sociocultural em dois idiomas que possibilite a aquisição de uma segunda língua com a mesma naturalidade que a criança adquiriu a língua materna, por meio da imersão. Baker (2006, apud SILVA 2009), por sua vez, assinala que o programa de imersão consiste em aprender uma segunda língua desde a educação infantil de forma subconsciente, similar ao aprendizado da primeira língua, já que

o conteúdo curricular torna-se o foco para o desenvolvimento da língua.

É por meio da linguagem que conceitos e conhecimentos são criados e construídos, desvendando o abstrato e se tornando conhecido.

A troca de informações entre indivíduos e de ideias se faz possível, possibilitando ao indivíduo a capacidade de analisá-las de modo a aceitá-las ou rejeitá-las, sendo possível dizer que a língua é um código que foi desenvolvido para a transmissão de pensamentos, ideias e interação entre os indivíduos.

De acordo com Vygotsky (2005, p.5):

A natureza do significado como tal não é clara. No entanto, é no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal. É no significado, então, que podemos encontrar as respostas às nossas questões sobre a relação entre o pensamento e a fala.

Portanto a necessidade de comunicação foi a alavanca que impulsionou o homem para o desenvolvimento da linguagem.

Em relação à aprendizagem e desenvolvimento, Vygotsky (1984) expõe que estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança. Esses processos são independentes, dinâmicos e contínuos.

a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal, para que se desenvolvam na criança essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente (VYGOTSKY, 1998, p.115).

Vygotsky reconhece que a aprendizagem possibilita e impulsiona o desenvolvimento. Desse modo, o professor bilíngue atua como mediador, por meio de um trabalho intencional e sistematizado, a fim de favorecer o processo de ensino e aprendizagem, além de ser o responsável por organizar os meios: conteúdo, espaço, tempo e procedimentos.

De acordo com Mello (2010):

A própria expressão educação bilíngue tem sido usada de maneira abrangente para caracterizar diferentes formas de ensino nas quais os alunos recebem instrução (ou parte da instrução) numa língua diferente daquela que normalmente eles usam em casa. Vários são os modelos e tipos de educação bilíngue. Eles, porém, diferem quanto aos objetivos, às características dos alunos participantes, à distribuição do tempo de instrução nas línguas envolvidas, às abordagens e práticas pedagógicas, entre outros aspectos do uso das línguas e do contexto em que estão inseridos. (MELLO, 2010, p.120).

A língua inglesa está presente no nosso cotidiano, como em restaurantes, onde o prato que cada pessoa se serve está descrito como “Self Service”, ou redes que chamamos de fast food, entre outros exemplos da língua inglesa que perpassa o mundo.

O ensino bilíngue deve ser um processo natural, em que a criança desenvolve o vocabulário das duas línguas, adequando-as às situações de comunicação, reais e contextualizadas, a fim de que as crianças saibam usar as palavras adequadas ao contexto comunicativo de maneira natural.

Aprender uma segunda língua nos permite realmente desenvolver uma nova forma de ver muitas coisas. E isso talvez aconteça não apenas porque aprender um novo idioma fortalece alguns

aspectos cognitivos do nosso cérebro, mas também porque esse processo envolve também conhecer mais sobre a cultura associada a ele.

O ENSINO BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NAS SÉRIES INICIAIS

A socialização por meio da linguagem se dá de uma forma rica na qual a criança tem acesso a cultura da sociedade onde está inserida.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998):

Quanto menores forem as crianças, mais suas representações e noções sobre o mundo estão associadas diretamente aos objetivos concretos da realidade conhecida, observada, sentida e vivenciada. O crescente domínio e uso da linguagem, assim como a capacidade de interação, possibilitam, todavia, que seu contato com o mundo se amplie, sendo cada vez mais mediado por representações e por significados construídos culturalmente. (RCNEI - BRASIL, 1998, p.169).

A aprendizagem de uma segunda língua, ainda quando iniciam a vida escolar, nas escolas de educação infantil e nas séries iniciais é mais significativa, pois ainda estão sendo construídas capacidades de comunicação com outras culturas.

Stephen Krashen (1988) desenvolveu uma teoria para que o aprendizado bilíngue se torne efetivo de acordo com seu contexto social. Ele propõe uma distinção entre aprendizado e aquisição, devido a diferença na abordagem e nos resultados a curto e longo prazo, além de levar em consideração a personalidade e o comportamento do aluno. Krashen sustenta a predominância de acquisition – na qual a criança desenvolve habilidades funcionais a partir de situações reais e concretas e de forma intuitiva por meio de uma assimilação natural – sobre learning – estudo formal e técnico da língua – no desenvolvimento na proficiência em línguas.

Na Teoria de Krashen existem cinco hipóteses:

Hipótese Aquisição X Aprendizagem: Aquisição é aquela em que o aluno vive o conhecimento de forma natural, de forma lúdica. Aprendizagem é a qual o aluno se concentra em um processo racional e consciente.

Hipótese Ordem Natural: o processo de aquisição da língua deve ser fundamentado para que o aluno, inconscientemente, comece a entender as estruturas gramaticais, que devem ser utilizadas pelo professor de forma correta seguindo uma determinada ordem.

Hipótese Monitor: se dá quando, ao falar algo ou ao se expressar, o aprendiz percebe que sua fala não soa bem e tende a corrigi-la, ficando mais evidente na fase adulta.

Hipótese Input: as habilidades de compreensão precisam estar em primeiro plano durante o processo de aquisição de um conhecimento, ou seja, cada criança adquirirá o conhecimento de que necessita.

Hipótese Filtro Afetivo: consiste em uma abordagem afetiva, trazendo o aluno para perto do professor, fazendo com que ele se sinta parte de um grupo e à vontade para aprender, criando um

ambiente positivo para a aquisição da língua.

O leque de possibilidades que a língua estrangeira oferece ao sujeito enquanto ser social, é o que torna indispensável a inclusão deste no currículo nas séries iniciais e não somente nas séries finais do Ensino Fundamental e nas séries do Ensino Médio.

Mello (1999) afirma que:

o bilinguismo é uma exceção e o falar bilíngue é frequentemente associado à noção de perfeição, ou seja, o bilíngue seria uma espécie rara que fala, lê, escreve e compreende duas ou mais línguas de maneira igualmente fluente, sem sotaque e sem quaisquer outros traços que permitam distingui-lo do monolíngue, quando fala uma de suas línguas. No entanto a realidade não é bem assim: estima-se que o bilinguismo está presente em quase todas as nações do mundo, em todas as classes sociais e em todas as faixas etárias e a sua aquisição ocorre em diferentes fases da vida; por isso, dificilmente o indivíduo é igualmente fluente em todas as línguas e em todos os níveis” (GROSJEAN 1982,1994, apud MELLO,1999, p.18).

Pensar o ensino-aprendizagem em um segundo idioma na Educação Infantil e nas séries iniciais é permitir um olhar que reconheça o crescimento desse ensino e que muitos pais brasileiros escolhem uma educação bilíngue.

Para Krashen e Terrel (1983), o professor deve utilizar, sempre que possível, a língua-alvo, e quando o faz, deve articular claramente as palavras; utilizar vocabulário mais conhecido do aprendiz, menos gírias e expressões específicas da língua, além de simplificar sintaticamente as sentenças, fazendo-as mais curtas.

O PROFESSOR BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SÉRIES INICIAIS

Devido a expansão das tecnologias e a globalização, há cada vez mais necessidade de aprender outras línguas, principalmente a língua inglesa, por isso o professor bilíngue deve sempre procurar inovar seus conhecimentos e técnicas pedagógicas para um processo de ensino aprendizagem significativo.

De acordo com Salgado (2009):

Não basta hoje ter competência linguística somente para ensinar uma língua estrangeira ou uma segunda língua. O professor deve ser preparado para, além de lecionar “a” língua e “na” língua, ser um pesquisador de sua prática pedagógica. Idealmente, esse professor deve ser capacitado a investigar também as questões sociais e psicológicas que envolvem sua prática. (SALGADO et al, 2009, p.04).

O professor bilíngue deve criar um ambiente que favoreça o uso da segunda língua, estimulando sons e padrões linguísticos, para que por meio da imitação, a criança possa ir se apropriando da nova língua.

Para um ensino com mais eficiência, o professor bilíngue deve utilizar uma abordagem comunicativa, a qual tem a intenção de fazer com que o aluno se comunique e se expresse em outros idiomas, como a língua inglesa.

Além de uma boa e sólida formação linguística e cultural sobre a língua que pretende ensinar, o professor bilíngue deve ser preparado para atender os diferentes propósitos das diferentes escolas.

O professor de língua estrangeira deve adotar uma proposta pedagógica dinâmica e diversificada, procurando realizar atividades inovadoras, para que o ensino de uma outra língua, que não seja a materna, tenha significado para a criança.

Por meio de questionamentos das crianças de educação infantil e séries iniciais o professor que introduz a nova língua aos seus alunos dessa faixa etária deve ter em mente que essas crianças deverão aprender a outra língua de forma lúdica, assim sendo, o professor poderá trabalhar com jogos e brincadeiras durante o processo ensino aprendizagem.

O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO

O processo de aquisição da segunda língua também é uma atividade cognitiva, no nosso caso uma atividade de construção de conhecimento. Para estudá-lo, é necessário dotar-se de meios capazes de descrever e explicar a passagem de um momento em que se verifica a ausência de determinado conhecimento linguístico para outro em que se verifica o seu uso regular (por exemplo, a emergência de uma nova forma na fala do aprendiz). Vamos considerar os seguintes pontos para esclarecer alguns aspectos desse processo de desenvolvimento:

a) Organização de um sistema: a construção do aprendiz é, praticamente desde o início, um sistema linguístico. O caráter significativo das formas que aparecem em seu discurso é consequência da organização sistemática da linguagem do aprendiz (Corder, 1971). Como em qualquer construção semiótica, é o sistema - isto é, a organização solidária, produto de regras, de elementos em jogo - que permite a emergência de sentido. O sujeito então, na medida em que pode atribuir regularidades ao seu ambiente linguístico, constrói progressiva e hipoteticamente sistemas que lhe permitem interpretar as formas produzidas por seus interlocutores e poder reconstruí-las para produzir seus próprios textos. A linguagem do aprendiz, a "interlíngua" (Selinker, 1972) como é frequentemente chamada, possui, portanto, uma gramática própria (o sistema de regras que sustenta seu funcionamento) e em evolução, que obviamente não se confunde com a da língua-alvo. Em vez disso, as interlínguas são apresentadas como variedades dialetais da língua-alvo, como dialetos peculiares, segundo a expressão de Corder (1971), que o aprendiz constrói duplamente condicionado pela atividade comunicativa e pela necessidade de descobrir o sistema que está tentando aprender. Sabe-se como essa ideia, ao questionar a noção de erro, transformou o ensino de línguas estrangeiras. Corder (1967) disse sobre os erros: "... é melhor não considerá-los como a persistência de velhos hábitos, mas sim como sinais de que o aluno está investigando os sistemas da nova língua."

Erros no que diz respeito às normas da língua-alvo, embora possam ser as características mais proeminentes para um observador (e talvez também para o próprio aprendiz), uma vez que de alguma forma marcam a "distância" entre as duas línguas, não são mais relevantes do que as produções consideradas "corretas" para a compreensão do sistema linguístico implícito nas produções do aprendiz.

b) Conhecimento implícito: Estes sistemas estão implícitos na medida em que podem ser inferidos das produções dos alunos, independentemente da capacidade desenvolvida pelo sujeito

para descrevê-los verbalmente. O professor ou pesquisador, se, ao analisar um corpus, verificar o aparecimento repetido das mesmas formas ou estruturas, pode deduzir a capacidade do aprendiz que o produziu de organizar sua linguagem e propor hipóteses sobre a natureza do sistema implícito que serve de a fundação para essas formas. Como em toda atividade cognitiva, o sujeito em nosso caso não tem senão um conhecimento consciente parcial do objeto que constrói. Aqui poderíamos estender ao adulto o que Vygotsky (1991, p. 182) disse sobre a atividade verbal da criança: "Ao falar, [a criança] dificilmente tem consciência dos sons que pronuncia e não tem consciência das operações mentais que realiza."

O "savoir-faire" linguístico não implica necessariamente o "savoir-dire" metalinguístico. Alcançar esse conhecimento metalinguístico é uma atividade cognitiva complexa e progressiva que não necessariamente ocorre e que certos modelos têm tentado apresentar (por exemplo, o modelo de "redescritção representacional" de Karmiloff-Smith (1993). Reduzir, mesmo em contexto restrito da aquisição de uma segunda língua, para simplificar oposições como aquisição vs. aprendizagem (Krashen, por exemplo).

c) Transformação do conhecimento: Se, como acabamos de apontar, as formas linguísticas presentes no discurso do aprendiz estão organizadas em um sistema, não podemos considerar a emergência de uma nova forma, mas sim como um desenvolvimento dela. A passagem de um "menos savoir-faire" para um "mais savoir-faire" não poderia então ser percebida como se o novo conhecimento parecesse preencher um vazio. Pelo contrário, trata-se de uma transformação do conhecimento que nos permite passar de uma certa forma de dizer a uma nova forma de dizer. As interlínguas são sistemáticas (porque criam significado) e instáveis (porque se transformam, evoluem). Em vez de perceber uma contradição nesta conjunção de sistematicidade e dinamismo, é essencial, compreender a teoria da interlíngua, reconhecer que é precisamente aí que reside todo o seu interesse pelos estudos sobre aquisição e ensino de línguas. Esses estudos nos mostram como a emergência de uma nova forma nas produções do aprendiz pode (por meio de hipóteses que postulam sua continuidade funcional) estar relacionada aos seus precursores (Bruner), com sua pré-história (Vygotsky). Tendo apreendido e reaproveitado na interação uma nova forma da língua-alvo, supõe-se assim uma reorganização (que em muitos casos é cognitivamente custosa) da linguagem do aprendiz: a nova forma permite-lhe expressar-se por meios (em princípio, mas não necessariamente) mais perto da língua-alvo, o que ele havia tentado anteriormente expressar por meios fundamentalmente peculiares. Cada estágio da interlíngua cria as condições para seu próprio desenvolvimento. É, para o aprendiz, a ferramenta de sua própria evolução.

d) Evolução, "fossilização" e algumas questões em aberto: o sistema do aluno (a "interlíngua") é, portanto, um sistema em transformação, relativamente instável e mutável. Diante da estabilidade do sistema que fundamenta as intervenções de seus interlocutores nativos, a fragilidade do sistema do aprendiz torna a comunicação exolingual exposta a rupturas e falhas, que devem ser negociadas por ambos os interlocutores. Na medida em que o aprendiz tenta se aproximar da língua-alvo, sob a dupla pressão das dificuldades de comunicação e disfunções de seu próprio sistema, ela acentuará seu caráter hipotético e instável e, conseqüentemente, ficará suscetível à evolução. Na medida em que suas hipóteses podem parecer não confirmadas, o aprendiz busca novas soluções, avança hipóteses de substituição e, de fato, transforma o sistema.

Mas essa tendência dinâmica é confrontada na prática da linguagem com demandas que vão na direção oposta. Se o sistema é fruto da atividade comunicativa do aprendiz, também é necessária uma certa estabilidade para conseguir, no diálogo, a produção e a compreensão das mensagens trocadas. Estabilidade que também é necessária para levar a cabo os múltiplos confrontos (com as suas produções anteriores, com as produções dos seus interlocutores, com a sua própria língua materna etc.) e reflexões (linguísticas e conceptuais) que o aprendiz pode achar necessário realizar e que são específicos para vários aspectos de sua atividade metalinguística. A interlíngua passa assim, na sua evolução, por momentos de relativa estabilidade e momentos de relativo dinamismo.

Evoluindo em direção a um estágio estável final, parece trivial afirmar que, na maioria dos casos, a linguagem de um aluno adulto evolui sem atingir um estágio de identificação com a de seus interlocutores nativos: falamos de "fossilização". Na realidade, esse conceito, longe de ser simples, apresenta, sem dúvida, aspectos problemáticos.

Fora da dialética que se estabelece em toda interlíngua entre estabilidade e dinamismo, ou seja, fora de uma visão da aquisição de L2 em termos de desenvolvimento da linguagem, parece difícil compreender a variedade de fenômenos que abrange, talvez de forma abusiva, a noção de fossilização. Em outras palavras: a questão da fossilização não é consequência de uma concepção de aquisição da linguagem em termos de resultados e não em termos de processo?

A aquisição de uma língua - seja ela língua materna ou segunda língua - é um processo, uma atividade humana que se desenvolve. Adquirir uma linguagem é então se tornar capaz, negociar o sentido das mensagens com seus interlocutores, de construir um sistema significativo e fazê-lo evoluir. Este sistema em evolução é uma construção cognitiva, o resultado dos esforços do aluno para dar a si mesmo uma representação da língua-alvo (tanto nocional quanto formal) necessária para sustentar suas atividades comunicativas. Estudar a aquisição de uma língua estrangeira supõe, então, dotar-se dos meios teóricos necessários para compreender em seu desenvolvimento um processo que envolve tanto aspectos intrapsíquicos como interativos (interpsíquicos).

Assim, abre-se um novo momento no desenvolvimento da linguagem no aluno: o surgimento e a evolução de uma competência bilíngue. O bilinguismo visto de uma perspectiva funcional, ou seja, a capacidade do sujeito em lidar com mais de um código linguístico (seja qual for o grau de processamento de cada um deles) fazendo com que eles mudem para as necessidades da situação de comunicação que surge então em gestação no aprendiz desde os primeiros contatos comunicativos com falantes da língua-alvo. Aprender um idioma é em si uma atividade bilíngue. E é esse bilinguismo, sem dúvida, para o aprendiz, a grande consequência de ter embarcado na aventura de adquirir uma segunda língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vantagens de aprender uma segunda língua na educação infantil e nas séries iniciais estão muito relacionadas a fase de aquisição de linguagem em que se encontram.

Adquirir uma segunda língua na educação infantil e nas séries iniciais é um processo no qual

a exposição à segunda língua é feita de modo que a criança se depare com a língua em situação real, em contextos variados, cabendo a escola e ao professor oferecer materiais nos quais motivem as crianças a quererem aprender uma segunda língua.

O ensino da língua estrangeira deve servir como um atributo na vida escolar das crianças desde a educação infantil, proporcionando conhecimentos amplos, não deixando de aprender sua língua materna, mas sim ampliando seu repertório linguístico, sendo que a fonética da segunda língua ou da primeira língua sempre existirá no indivíduo internalizada nele.

A aquisição de uma segunda língua na educação infantil e nas séries iniciais pode se tornar um acontecimento fundamental para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem.

O debate atual sobre o bilinguismo abarca o questionamento se a aprendizagem da segunda língua deverá ser o quanto mais cedo, ou seja, o mais precoce possível.

A criança adota como base para seu próprio desenvolvimento a fala dos adultos, que servem de estrutura para o desenvolvimento de suas próprias regras. A partir do momento que a criança incorpora como modelo algumas composições da língua materna, foi porque acionou novos modelos de regras para sua língua.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil– Volume 3: Conhecimento do Mundo**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 3v. 1998.

HORNBY, Peter A. **Dicionário de Termos Linguísticos**, 1977. Disponível em: < http://www.ait.pt/recursos/dic_term_ling/dtl_pdf/B.pdf >. Acesso 01 mar.2024.

KRASHEN, S. D. **The Natural Approach – language acquisition in the classroom**. New Jersey: Pergamon Press, 1983.

KRASHEN, S. D., TERREL, T.D. **Second Language Acquisition and Second Language Learning**. Oxford: Pergamon Press, 1983.

MELLO, Heloísa. A. B. **Educação bilíngue: uma breve discussão**. 118 Horizontes de Linguística Aplicada, v. 9, n.1. 2010.

MELLO, Heloísa Augusto Brito de. **O falar bilíngue**. Goiânia: Ed. Da UFG,1999.

MORI, N. N. R.; PALANGANA, I. C. **Linguagem, capacidades cognitivo-afetivas e deficiência mental**. In: MORI, N. N. R. et al. (Orgs.). **Educação especial: olhares e práticas**. Londrina: UEL, 2000.

MYERS-SCOTTON, Carol and Agnes Bolonyai. **Calculating Speakers: Codeswitching in a Rational Choice Model**. Language in Society 30, 2001, 01-28.

MYERS-SCOTTON, Carol and Janice Jake. **Four Types of Morpheme: Evidence from Aphasia, Code Switching, and Second-Language Acquisition**. Linguistics 38(6): 2006.1053-1100.

PAIVA, V.L.M.O. **A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa**. In: STEVENS, C.M.T.; CUNHA, M.J. **Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: UnB: 2003.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Estrangeira Moderna**. 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientações Pedagógicas para os Anos Iniciais**. Curitiba: 2010.

PÉRRISÉ, P. **Crianças pequenas aprendem quantos idiomas simultâneos o ambiente lhes proporcionar**. In: **O bilingüismo na escola favorece ou prejudica aprendizagem?** Pátio. 2004.

SALGADO, Ana Claudia Peters et al. **Formação de professores para a educação bilíngue: desafios e perspectivas**. In: IX EDUCERE, 2009. **Anais do IX Congresso Nacional de Educação**. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2009.

SILVA, Beatriz da. **Desenvolvimento da linguagem: uma proposta inatista**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/iiijnflp/textos_completos/pdf/Desenvolvimentodalinguagemumapostainatista. Acesso em 01 mar.2024.

TEIXEIRA, C.S.; RIBEIRO, M.D.A. **Perspectiva intercultural no ensino de línguas**. 2012

VYGOTSKY, L.S. (1991): **Pensamento e Linguagem**. 3.ed, São Paulo, Martins Fontes.